

I

Da economia do tempo

Sêneca saúda o amigo Lucílio

Comporta-te assim, meu Lucílio, reivindica o teu direito sobre ti mesmo e o tempo que até hoje foi levado embora, foi roubado ou fugiu, recolhe e aproveita esse tempo. Convence-te de que é assim como te escrevo: certos momentos nos são tomados, outros nos são furtados e outros ainda se perdem no vento. Mas a coisa mais lamentável é perder tempo por negligência. Se pensares bem, passamos grande parte da vida agindo mal, a maior parte sem fazer nada, ou fazendo algo diferente do que se deveria fazer.

Podés me indicar alguém que dê valor ao seu tempo, valorize o seu dia, entenda que se morre diariamente? Nisso, pois, falhamos: pensamos que a morte é coisa do futuro, mas parte dela já é coisa do passado. Qualquer tempo que já passou pertence à morte.

Então, caro Lucílio, procura fazer aquilo que me escreves: aproveita todas as horas; serás menos dependente do amanhã se te lançares ao presente. Enquanto adiamos, a vida se vai. Todas as coisas, Lucílio, nos são alheias; só o tempo é nosso. A natureza deu-nos posse de uma única coisa fugaz e escorregadia, da qual qualquer um que queira pode nos privar. E é tanta a estupidez dos mortais que, por coisas insignificantes e desprezíveis, as quais certamente se podem recuperar, concordam em contrair dívidas de bom grado, mas ninguém pensa que alguém lhe deva algo ao tomar o

seu tempo, quando, na verdade, ele é único, e mesmo aquele que reconhece que o recebeu não pode devolver esse tempo de quem tirou.

Talvez me perguntes o que faço para te dar esses conselhos. Eu te direi francamente: tenho consciência de que vivo de modo requintado, porém cuidadoso. Não posso dizer que não perco nada, mas posso dizer o que perco, o porquê e como; e te darei as razões pelas quais me considero miserável. No entanto, a mim acontece o que ocorre com a maioria que está na miséria não por culpa própria: todos estão prontos a desculpar, ninguém a dar a mão.

E agora? A uma pessoa para a qual basta o pouco que lhe resta, não a considero pobre. Mas é melhor que tu conserves todos os teus pertences, e começarás em tempo hábil. Porque, como diz um sábio ditado, é tarde para poupar quando só resta o fundo da garrafa. E o que sobra é muito pouco, é o pior. Passa bem!

VIII

Da solidão dos filósofos

Sêneca saúda o amigo Lucílio

“Tu me aconselhas a evitar a multidão”, escreves, “e que me afaste e me contente com a minha consciência? Onde estão aqueles teus preceitos que recomendam morrer em ação?” O quê? Pensas que estou te aconselhando à inércia? Eu me refugiei e fechei as portas para poder ser útil a mais gente. Nunca passo um só dia no ócio: dedico parte da noite aos estudos. Não me abandono ao sono, mas sucumbo, e continuo no trabalho com olhos caídos e cansados pela vigília.

Eu me afastei não apenas dos homens, mas também das coisas, e em primeiro lugar das minhas: ajo no interesse da posteridade. Escrevo para transmitir advertências salutares, por exemplo, receitas de medicamentos úteis, que experimentei como eficazes em minhas próprias feridas, as quais, se não se curaram completamente, ao menos não se alastraram mais.

Mostro aos demais o caminho certo, que conheci tarde e cansado de tanto vaguear. Clamo que evitem tudo o que agrada à plebe, que vem do acaso; que permaneçam desconfiados e temerosos diante de todo bem fortuito. Tanto as feras quanto os peixes deixam-se apanhar por alguma esperança tola. Pensas que essas coisas são presentes do destino? São ciladas. Qualquer um que queira ter uma vida segura deve evitar o mais possível essas armadilhas que nos traem e nos tornam infelizes. Pensando tê-las, somos fígados por elas. Esse curso conduz ao precipício; e o resultado dessa vida que

quer se sobressair é cair. E, depois, não se pode resistir: quando a felicidade começa a nos desviar do bem, deruba os bons, um por um, ou todos de uma vez; a sorte não causa ruína a ninguém, mas faz cair e despedaça.

Segue, pois, esta sã e salutar forma de vida: concede ao corpo apenas o que for suficiente para um bom estado de saúde. É necessário tratá-lo com severidade para que não desobedeça à mente: a comida deve acalmar a fome, o beber, a sede, as roupas devem proteger do frio, a casa, ser abrigo contra o mau tempo. Não importa se foi construída com taipa ou com mármore importado: saiba que um teto de palha abriga o homem tão bem quanto o de ouro. Despreza tudo o que um trabalho supérfluo estabelece como enfeite e requinte; pensa que nada é extraordinário a não ser a alma e que, para uma alma grande, nada é grande.

Digo estas coisas a mim mesmo, digo-as aos pós-teros; e não te pareço mais útil do que se me apresentasse como advogado, ou para selar os testamentos, ou pusesse minhas mãos e voz a serviço de algum candidato ao senado? Acredita-me, quem menos parece agir faz coisas maiores, pois trata simultaneamente das coisas humanas e divinas.

Mas já é tempo de concluir esta carta e de dar a minha contribuição como disse no início. Não o farei com o que é meu, uso mais uma vez o sábio Epicuro, de quem, hoje, li estas palavras: “Consagra-te à filosofia se desejas ser verdadeiramente livre”. Não espera o dia seguinte para se modificar quem a ela se submete e é fiel, pois, de fato, esse mesmo servir à filosofia é a liberdade.

Provavelmente me perguntarás por que eu cito tantas belas frases de Epicuro, ao invés daquelas dos estóicos: mas por que pensas que são de Epicuro e

não do patrimônio comum? Quantos poetas exprimem conceitos já formulados ou que deveriam ser formulados pelos filósofos! Não mencionarei os trágicos nem os nossos dramas, que têm uma certa gravidade e estão entre a tragédia e a comédia. Quantos versos eloqüentíssimos são ouvidos entre os comediantes! Quantas frases de Publílio Siro deveriam ser recitadas não pelos atores cômicos, e sim pelos trágicos! Citarei um único verso seu, que pertence à filosofia e a esta parte do argumento que estamos tratando, que nega que as coisas fortuitas sejam de fato nossas: “É de outro tudo o que adquirir”.

Recordo que também tu expressaste o mesmo conceito melhor e com mais concisão: “Não é teu isto que a sorte fez teu”. Mas quero citar esta tua outra máxima ainda melhor: “Um bem que pode ser dado também pode ser tomado”.

Isso não te dou como pagamento: devolvo-te um bem que já era teu. Passa bem!